

Gramaticalização: Revisão Conceitual e Análise de Alguns Exemplos

GRAMMATICALIZATION: CONCEPTUAL REVIEW AND ANALYSIS OF SOME EXAMPLES

Pedro **PERINI-SANTOS** *

Resumo: Este artigo propõe-se a apresentar uma revisão dos conceitos de gramaticalização, situando seu estudo dentro de um quadro de pesquisa diacrônica contrário aos modelos atemporais do estruturalismo e do gerativismo. A partir desse conceito, explicações para formas linguísticas consideradas comumente como usos estritamente formais. São também analisados neste artigo, uma amostragem de exemplos que sustentam a importância da diacronia como forma de compreensão das formas linguísticas.

Palavras-chave: Gramaticalização; Diacronia; Revisão Conceitual.

Abstract: This article intends to present a review on concepts of grammaticalization, situating its study within a framework of diachronic research in a different view comprising to the timeless models proposed by structuralism and generative grammar. From this concept, explanations to linguistic forms usually token as strictly formal utterances. It is also discussed in this article a sample of examples that supports the importance of diachrony as a way of understanding the linguistic forms.

Key-words: Grammaticalization; Diachronic Studies; Conceptual Review.

* Doutor em Linguística pela UFMG/University of California at Davis. Professor da PUC-Minas. Contato: pedroperini@hotmail.com.

Introdução

Os objetivos deste artigo são apresentar o conceito de gramaticalização, alguns exemplos do processo e discorrer sobre a importância do tema para os estudos linguísticos. Além de prover a pesquisa linguística de um eficaz instrumento de análise, sobretudo para casos tidos como estritamente justificados pela sintaxe,¹ a gramaticalização traz à tona discussões epistêmicas valiosas, especificamente sobre os limites entre sincronia e diacronia.

Comumente atribuída a Saussure, sem a devida relativização,² a defesa desta clássica dicotomia apresentada no *Curso de Linguística Geral* (1916) faz-se crucial para a sustentação de serem estudos linguísticos, de fato, somente aqueles que lidam com o tempo presente, sendo legada à filologia e estudos afins, a lida com o passado.³ A essa visão de pesquisa, contrapõe-se ao que diz Gregory Bateson. Segundo ele, não há mais

¹ M. Perini trabalha com o ‘princípio da sintaxe residual’, segundo o qual, “reconhecem-se motivações semânticas às ocorrências lingüísticas; na ausência dessas, assinala-se uma situação em que deve ser proposta uma descrição exclusivamente em termos de traços formais não associados a traços semânticos” (2006:77). Nessa mesma passagem do livro, M. Perini registra haver formulação semelhante em R. Jackendoff (1983). Sobre o tema, ver ainda W.T. Fitch, M. Hauser e N. Chomsky (2005).

² J. Mattoso Câmara faz um comentário interessante sobre a dicotomia: “Anton Marty já afirmava que, no estudo das línguas, ‘ao lado das leis históricas há leis descritivas.’” (2000[1970], p. 12). Sobre o tema, ver E. Pontes (1992); L.-J. Calvet (1975); D. Lucchesi (1998); S. Laugier (1996); P.Larrivé (2003); R. Harris, 1987.

³ Como aparece em Z. Harris: A pesquisa em linguística descritiva consiste na coleta das ocorrências de uma variante específica e sua análise. O conjunto de ocorrências coletadas constitui o *corpus* de dados; a análise sobre ele proposta é a descrição compacta da distribuição desses elementos. [...] Para os objetivos da linguística descritiva apenas uma única LÍNGUA, ou um único dialeto, e durante um breve período de tempo, deve ser considerada [...] do ponto de vista da lingüística. (HARRIS, 1951, p.12)

[...] uma ciência que tenha interesse específico na combinação de peças informativas [...] cada passo de um processo evolutivo acrescenta uma informação a mais à compreensão de um sistema existente. (BATESON, 1979, p.19)

Assim como os sistemas biológicos, as estruturas e os mecanismos do funcionamento linguístico passaram por trajetórias evolutivas que os fizeram ser o que hoje são. Esse princípio epistêmico é basilar, porque de forma mais ou menos direta e mais ou menos relevante para determinado assunto abordado, indica que várias são as esferas das relações de comunicação que participam da configuração da linguagem.

O presente artigo terá a seguinte organização. Inicialmente, exponho como tem sido proposto [1] o conceito de gramaticalização. Em seguida, reporto [2] alguns exemplos do fenômeno. Após essa etapa introdutória, serão expostas [3] uma breve discussão sobre o conceito e [4] a análise para dois advérbios franceses, *beaucoup* e *très*, análise essa que nos permitirá compreender a importância epistêmica da gramaticalização para os estudos semânticos e sintáticos.

1 A redescoberta do tema e do conceito

A aceitação da dicotomia entre sincronia e diacronia inibiu pesquisas e conceitos de investigação linguística que lidavam com questões de ordem histórica; dentre esses, encontra-se a gramaticalização. Gramaticalização e consequentes discussões sobre a evolução das línguas foram desconsideradas pela agenda linguística até os anos 1970. Nas palavras de Sophie Prévost,

[...] após um destruidor eclipse, durante uma onda estruturalista pouco favorável à perspectiva diacrônica inerente à gramaticalização, o tema volta a receber atenção nos anos 1970. (PREVOST, 2003, p.144)

Gramaticalização não é um conceito novo. Observações sobre o processo podem ser encontradas em textos gramaticais bastante anteriores aos que o restabeleceram como assunto pertinente para as

discussões sobre linguagem após os anos ‘70. Paul Hopper e Elizabeth Traugott (2002) assinalam que já se discutia a gramaticalização na obra de Humbolt. São igualmente encontradas menções ao tema em textos gramaticais arcaicos referentes à língua hindu. Todavia, para a atual agenda acadêmica, atribui-se a Antoine Meillet (1912)⁴ e a Jerzy Kury³owisc (1965) a formulação do conceito tal como é utilizado, sendo que ao primeiro tributam-se a nomeação e a especificação do fenômeno. Em Meillet, gramaticalização aparece descrita como “a transformação de uma palavra autônoma em um elemento gramatical.” (MEILLET, 1921, p. 131 apud CAMPBELL e JANDA, 2001, p. 95). Em Kury³owisc, “Configura-se como gramaticalização a elevação de um morfema a um estatuto mais gramatical a partir de um item lexical menos gramatical.” (KURYLOWISC, 1975[1965], p.52).

Paul Hopper e Elizabeth Traugott (2002) discutem as definições apresentadas pelos precursores. Para eles, gramaticalização é um processo de progressiva perda de autonomia da palavra e sua efetivação como partícula funcional. Em trajetória evolutiva de várias etapas contínuas, uma palavra passa de um estatuto lexical pleno para o estatuto lexical relacional. O que era um item autônomo passa a ser uma unidade linguística que exerce função dependente dos apoios sintático e semântico do ambiente linguístico no qual se ancora. Isso significa que as mudanças funcionais ocorrem concomitantemente às mudanças de ordem semântico-temática.

2 Exemplos de gramaticalização

Os marcadores de advérbio e de substantivo da língua inglesa, respectivamente, *-ly* e *-hood* são conhecidos exemplos de sufixos que se estabeleceram como tal através da gramaticalização: *-ly* tem origem na forma do inglês arcaico⁵ *líc*, cujo significado era “aparência, corpo”; *-hood* é uma evolução da palavra *hád*, que significava “estado, condição”

⁴ Alude-se particularmente ao artigo “L’évolution des formes grammaticales”, *Scientia*, 12(26), que foi republicado em *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Champion, 1958.

⁵ Por inglês arcaico, compreende-se o período entre os anos 500 e 1100 da EC.

em sua forma plena (*cf.* Rubin, 2004). Atualmente, essas duas expressões não ocorrem mais de forma autônoma: *-ly* e *-hood* dependem de um contexto lexical que as receba para que possam ocorrer e serem reconhecidas como partículas mórnicas sufixais de função semântica e sintática específica.⁶

Exemplos recorrentes na literatura especializada são também o marcador de advérbio das línguas românicas *-mente*, como será discutido mais adiante, e a partícula de negação francesa *pas*, cujo significado nominal inicial “passo” ainda está em uso.

O fato de a gramaticalização ocorrer em etapas faz com que variações graduais careçam de ser consideradas em sua análise. Deve-se pensar a gramaticalização como um processo de escala temporal susceptível a variações em seu processamento. Graus de gramaticalização podem ser perceptíveis.

Considerado os exemplos expostos acima, podemos pensar que *-ly*, *-mente* e *pas* manifestem graus de gramaticalização diferentes; em outros termos, ocupam pontos distintos no timing do processo de gramaticalização. Essas três formas possuem, assim, comportamento completa ou parcialmente gramaticalizado: *pas*, a menos gramaticalizada das três, pode ocorrer como núcleo de um SN, como em (1) *Je suis à un pas de la pharmacie* (Estou a um passo da farmácia), e como marcador de negação: (2) *Je ne suis pas un bon étudiant* (Eu não sou um bom estudante). (*-mente* ocorre como núcleo de SN, (3) *Minha mente está confusa*, e como sufixo, (4) *Lucas está claramente cansado*, e *-ly* apenas ocorre como sufixo adverbial, (5) *Roughly talking, grammaticalization means...* (Resumidamente falando, gramaticalização quer dizer...).

Organizando estas informações em uma pequena tabela temos que:

⁶ Não é apenas nas línguas ocidentais que ocorre tal fenômeno. A título de ilustração, a preposição egípcia, *m-q3b*, e as formas cognatas hebraica, *bY-qéreb*, ugarítica, *(b-)qrb*, e acadiana, *ina qereb*, significam ‘no meio de’. Todas elas, segundo Rubin (2004:68), originam-se de um processo de gramaticalização, cuja fonte são as formas *qéreb*, do hebreu, e *q3b*, da língua egípcia, que significam “intestino”.

Tabela 1 – Comparação do grau de gramaticalização dos itens analisados

| | <i>ly</i> | <i>mente</i> | <i>pas</i> |
|----------------------|-----------|--------------|------------|
| Ocorre como afixo? | Sim | Sim | Não |
| Ocorre como palavra? | Não | Sim | Sim |

Ou seja, a primeira forma perdeu a sua autonomia enquanto signo; *pas* não é adjungida em suas ocorrências, e (–)mente é uma forma intermediária que pode ocorrer nesses dois contextos.

Há diferentes movimentos reativos à entrada de um novo termo nos idiomas. Penso, por um lado, na reação colaborativa dos falantes que têm disposição para a criação, por analogia, de novas expressões a partir do novo modelo lexical criado, legando à partícula gramaticalizada um valor gerativo por analogia. A criação por analogia de novos advérbios de traço ‘–mente’ como *tucanamente* e *mineiramente*, respectivamente com 56 e 670 ocorrências colhidas via GOOGLE, em 20/02/2007, é um exemplo da aceitação social da forma gramaticalizada ‘– *mente*.’

De postura oposta, há manifestações reacionárias ⁷ de ordem sócio-pragmática como as “pressões corretivas do padrão normativo” (MARCHELLO-NIZIA, 2003, p.373) que avaliam a produção lexical por analogia como mecanismo de descaracterização genética do idioma. E isso não é por acaso. Para Antoine Meillet, cita a autora,

[...] existem apenas duas formas de mudança gramatical: gramaticalização e analogia a primeira forma modifica o sistema

⁷ Por *reacionário*, compreendo dinâmicas homeostáticas que legam às mudanças comportamentais, linguísticas, conceituais e estéticas valor negativo por serem mudanças. Comparativamente, a postura *conservadora* é aquela que prefere o antigo por crer que esse é o melhor por ser antigo. Finalmente, por postura *tradicional*, compreendo ser aquela que atribui valor de qualidade em função do tempo de prática e uso.

gramatical; a segunda, não. (MARCHELLO-NIZIA, 2003, p. 372)

O valor sistêmico de uma gramaticalização é, assim, muito significativo. As modificações genéticas nas línguas nascem das ocorrências de gramaticalização e de possíveis apropriações analógicas pelos falantes. A possibilidade de haver novos genes léxico-gerativos depende de sua configuração como partícula adjuntiva que engendra novos modelos lexicais.

Esse comentário se faz pertinente para a diferenciação de dois processos de ampliação lexical. Por um lado, ocorre um mecanismo analógico gerativo; por outro, ocorrem empréstimos lexicais advindos de idiomas estrangeiros, nacionais ou variacionais, que não são gerativos. A entrada de termos emprestados, por vezes tida como uma forma de agressão à língua,⁸ desempenha papel que não é estrutural.

Shopping, por exemplo, – expressão comumente citada como ‘invasora na língua portuguesa’ – não cria um novo modelo lexical para a formação de substantivos a partir da sufixação inglesa ‘-ing’; o que seria uma mudança genética. É possível, porém, que a forma verbal *shoppei* ocorra via adjunção sufixal verbal. Nesse caso, o modelo verbal é próprio à língua portuguesa; o empréstimo adequa-se ao padrão de flexão verbal estrutural da língua que a recebe; não é uma mudança na genética da língua.

Finalmente, vale ressaltar o valor cognitivo da gramaticalização. Ao se afirmar que as palavras em-gramaticalização perdem progressivamente seu valor esquemático, afirma-se a possibilidade de serem mapeadas as etapas pregressas ao surgimento das palavras funcionais e dos morfemas, porque as palavras e as partículas funcionais um dia foram palavras plenas. Se essa premissa sobre a origem dos termos funcionais, central à gramaticalização, for verdadeira, se faz válida a análise do trajeto cognitivo por eles percorrido. O princípio da perda progressiva e nuançal da forma esquemática autônoma, e sua substituição por um modelo relacional, permite inferir que na

⁸ Sobre o tema, ver P. Garcez e A.M. Zilles (2001)

origem, em um remoto ponto de partida, havia uma palavra, cuja forma esquemática era plena e que hoje desempenha função semântico-funcional.

Parece-me correta tal interpretação. Estou ciente, porém, de que sua aceitação não é uníssona. Opondo-se ao conceito, Frederick Newmeyer publica “Desconstruindo a gramaticalização”:

Neste artigo, submeto a gramaticalização a uma análise de microscópio e concluo que a idéia é irresponsável. Vou concluir que, ao final das contas, não existe *gramaticalização*. (NEWMEYER, 2001:189) [grifo nosso]

Entre aqueles que esposam o conceito de gramaticalização, listam-se dúvidas sobre as etapas da evolução de um processo de gramaticalização. Na apresentação de pesquisas sobre a gramaticalização no português do Brasil, Martelotta, Votre e Cezário (1996) relatam que durante as investigações que embasaram a publicação, percebeu-se que seria questão prioritária.

[R]efletir sobre, e reformular parcialmente, a hipótese de Heine: pessoa > objeto > atividade > tempo > qualidade, para corpo > objeto > mente. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996, p.15)

Mesmo sem consenso sobre essas etapas, pode-se dizer que as expressões de valor semântico concreto são consideradas como um ponto, a partir do qual caminha-se em direção a valores mais abstratos; parte-se de expressões lexicais de feições mais nítidas e autônomas na direção de expressões lexicais mais opacas e dependentes:

[...] a maioria dos linguistas concordaria com a idéia de haver uma progressão da seguinte forma: item pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional. (HOPPER e TRAUGOTT, (2002, p.07)

Há autores que sugerem ser possível que, ao final do processo de gramaticalização, se alcance um estágio de absoluta vaziez semântica

da forma linguística. Em função disso, apontam para um possível apagamento da forma gramaticalizada em seu grau máximo de efetivação:

[...] [gramaticalização é] o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização externa. (CASTILHO, 1997, p.31, *apud* COSTA, 2004, p.178)

Este é um ponto importante a ser considerado. A perda completa do valor semântico pode ser relativizada se pensarmos no resultado herdado do valor semântico inicial supostamente extinto. Os falantes atuais podem não reconhecer o valor semântico nominal de uma expressão supostamente gramaticalizada. No entanto, durante o processo de sua maturação e sua efetivação como partícula, a expressão criou vínculos relacionais que participam de sua manifestação sintática atual.

A posição da partícula adverbial ‘-mente’, por exemplo, tem posição pós-adjetival, porque assim era o uso latino inicial. Por um processo analógico, e não estrutural, torna-se justificada sua posição de ocorrência atual.

Assim, a adoção de um modelo diacrônico para a análise de situações de uso linguístico que eram avaliadas como regidas por comandos sintáticos e lexicais sincrônicos arbitrários ⁹ permite reconhecer traços históricos semânticos que justificam a composição e a disposição sintagmática atual do termo ou da partícula. Se isso for verdade, não se pode falar em uma ‘total vaziez semântica’ de um termo ou de uma partícula gramaticalizada, mas deve-se falar em uma

⁹ Sobre o tema, sugiro a leitura de T. Gamkrelidze (1974). Da mesma forma que a afirmação da separação absoluta entre sincronia e diacronia deve ser revista, também carece de análise o conceito de signo. Creio haver, nesses dois casos, simplificações teóricas que tornam obscura a compreensão dos conceitos concernidos. Sobre o tema, ver também D. Lewis (2002).

expressão cujo valor semântico autônomo foi completamente substituído por um valor relacional a ser semanticamente reconhecido apenas através de análise diacrônica. Volto a citar a partícula adverbial ‘-mente’ que, apesar de manter valor nominal específico como palavra autônoma, carece de explicação histórica para sua função como partícula; vejamos como a seguir.

3 Análise de exemplos de gramaticalização

Proponho a análise de dois exemplos que ilustram a necessidade de reconhecimento histórico para ocorrências sintáticas supostamente desprovidas de motivação. A primeira análise que apresento nesta seção é dedicada aos advérbios de traço ‘-mente’ que ocorrem nas línguas neolatinas. A segunda descreve a evolução dos comportamentos sintático e semântico do advérbio francês *beaucoup*, comparando-o com o advérbio *très*, também em uso na língua francesa contemporânea.

3.1 Advérbios de traço ‘-mente’: derivação ou analogia?

Os advérbios de traço ‘-mente’ são produto de um processo de gramaticalização que foram incorporados colaborativamente às línguas neolatinas. Ou seja, a partícula ‘-mente’, enquanto tal, tornou-se mecanismo de produção lexical para essas línguas. No início, *mente* era a forma latina no caso ablativo que significava “mente”:

Sua inauguração como sufixo adverbial deve ser colhido em frases do tipo *clara mente* ‘com a mente clara’. (HOPPER e TRAUGOTT, 2002, p.130)

Neste primeiro uso funcional da partícula ‘-mente’, como relatam os autores, outras formações adverbiais se inspiram nesse mecanismo produtivo. Ou seja, por analogia, estabelece-se um modelo de geração e de interpretação de um tipo de advérbio caracterizado por um traço mórfico oriundo de gramaticalização.

Sobre o sufixo francês – *ment*, que já foi uma palavra independente e se tornou um morfema de final de palavra, diz-

se que ele foi morfologizado; diz-se também que sua fonte histórica (no caso a fonte latina *mente*) passou por um processo de morfologização. (HOPPER e TRAUGOTT, 2002, p. 131)

Após o estabelecimento de um valor semântico opaco para a palavra latina em questão e sua configuração como forma mórfica dependente, ‘-mente’, agora partícula, passa a fazer parte da genética linguística românica e se estabelece como parte de um modelo lexical produtivo. De forma de esquemática, tem-se o seguinte modelo:

{[qualificação] + (-mente)}! advérbio marcado morficamente

Uma possível leitura deste modelo seria aceitar o total apagamento da história da palavra *mente* em suas realizações contemporâneas; o que permitiria pensar que não mais se reaja à palavra *mente* como “mente”, mas apenas com uma partícula que perfila uma produtividade lexical de caráter adverbial a partir de sua adjunção a um ‘adjetivo flexionado na forma feminina singular’. Para Margarida Basílio,

As gramáticas do português em geral consideram a formação de advérbios em -mente como um processo de afixação; -mente seria, pois, um sufixo que se adiciona a adjetivos para a formação de advérbios [v., por ex., CUNHA e CINTRA 1985, SAID ALI , 1921/1964 etc.] (BASILIO,1998, p. 100)

A interpretação da produtividade lexical a partir de um processo analógico que deriva da gramaticalização não segue a mesma linha de raciocínio da noção de formação de palavras a partir de classes lexicais como faz a teoria gerativa. A ocorrência dos advérbios com traço ‘-mente’ é exemplo lapidar dessa diferença. Para Basílio, cujo trabalho segue conduta gerativista, se for verdade que esse tipo de advérbio é formado através de “um sufixo que se adiciona aos adjetivos” (1998, p. 100), tem-se uma situação de contradição com “a regra de produtividade lexical”; posto que, para a autora,

Do ponto de vista morfológico, formações em –mente apresentam uma característica que contraria definições morfológicas clássicas opondo derivação e composição, na medida em que formações adverbiais em -mente são construídas a partir da forma feminina do adjetivo correspondente, assim configurando uma situação que fere frontalmente a regra geral de que formas flexionadas não podem ser derivantes. [...] formações em –mente são feitas a partir de uma forma flexionada para o feminino. (BASILIO, 1998, p. 100) [grifo nosso]

Basílio faz referência às fórmulas de produtividade lexical derivativa, ou às Regras de Formação de Palavra (RFP), que esquematicamente possuem o seguinte formato: $[X]_a \rightarrow [[X]_a Y]_b$; onde, $[X]_a$ representa um item lexical de entrada, $[Y]$ um sufixo adjungido, e $[[X]Y]_b$, um item lexical de natureza categorial derivada de X. As RFPs são explicadas por Mark Aronoff da seguinte forma:

Toda Regra de Formação de Palavra (RFP) especifica o rótulo sintático e a subcategorização da palavra resultante, bem como a sua interpretação semântica, que é uma função da interpretação da base. (ARONOFF, 1972, p.22 *apud* ROCHA 1999, p.41)

A inobservância desse princípio, próprio ao gerativismo, traz um desafio à proposta de Margarida Basílio para o caso dos advérbios dotados da forma adjungida ‘–mente’, dado que aí tem-se um caso de derivação que não estava previsto nas RFPs:

[A]s formações em –mente nos deixam com uma escolha entre uma derivação esdrúxula e um caso estranho de composição com finalidades de mudança categorial. (BASILIO, 1998, p. 100) [grifo nosso]

O incômodo da autora pode ser superado se pensarmos que foi a partir de uma ocorrência latina adjetival na forma feminina que se estabeleceu um modelo produtivo analógico para advérbios de traço ‘–mente’. Como exercício de raciocínio, vamos assumir que a primeira

ocorrência analisada como expressão de valor adverbial tenha sido a formação latina *clara mente*. A meu ver, aqui não ocorre a filiação da forma ‘em-gramaticalização’ *mente* ao adjetivo *clara* de posição sintaticamente inferior. O movimento é oposto: a forma *clara* ocorre no gênero feminino do caso ablativo porque *mente* assim está. Em estágio de reanálise sintática,¹⁰ mantém-se a estrutura superficial do sintagma. Para o caso de $_{SN}[_{SA}[clara]_{N}[mente]]$, o valor de núcleo continua a ser atribuído a *mente*. Dado que *mente* exerce função de núcleo no SN [*clara mente*], manifestam-se nos demais termos não nucleares gênero e caso governados. Assim, os advérbios de traço ‘-mente’ não são gerados a partir de uma RFP de forma [Adj (fem, sing)] + -mente!¹ [Adv], como propõe Basílio ao fazer uso do modelo gerativo. As marcações [+fem] e [+sing] têm origem no substantivo latino. Esquemáticamente tem-se a seguinte reanálise sintática:

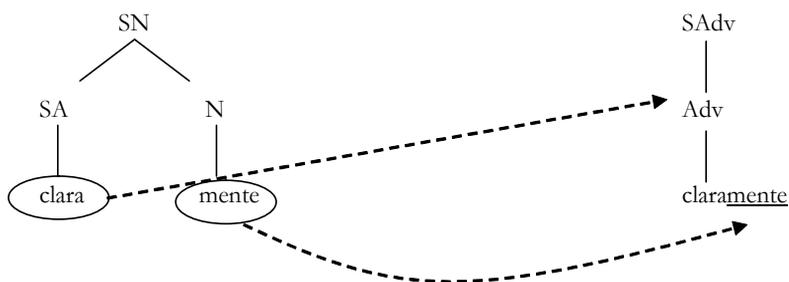


Gráfico 1 – Demonstração da reanálise sintática do advérbio *claramente*

O que era organizado em dois sintagmas com atribuição de função nuclear ao segundo termo passa a funcionar como um sintagma único de natureza lexical diferente. A produtividade sintagmática transforma-se em produtividade lexical. Ou seja, o surgimento de novos advérbios de formato semelhante à primeira formulação ocorre por analogia léxico-produtiva.

¹⁰ Este é um importante conceito de Ronald Langacker (1977) que pode ser associado às discussões sobre gramaticalização, uma vez que a reanálise estabelece novas fronteiras entre os elementos sintagmáticos.

É interessante registrar que em Manoel Said Ali (2000 [1921]), obra citada por Basílio (1998), já se encontra uma passagem que mais se aproxima da proposta analógica que aqui sustento do que da proposta derivacional criticada pela própria autora. Em Said Ali, lê-se que:

[...] enriqueceram-se as línguas latinas, todavia com algumas formações desconhecidas do latim literário, com várias criações novas e, em especial, com os advérbios em *–mente* que se tiram de adjetivos. Essa terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens* v.g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um sufixo derivativo. (SAID ALI, 2000[1921], p. 140) [grifo nosso]

Said Ali propõe que o surgimento “oral” de novas expressões ocorre em função de exemplos anteriores. Não me parece impossível reconhecer em seu texto proposto em 1921 as etapas da gramaticalização tal como tratamos atualmente. Se colocadas lado a lado, teremos:

- Hopper e Traugott: item lexical > item gramatical > clítico > afixo
- Said Ali: locuções > obliterar a significação primitiva > sufixo derivativo

É certo que Said Ali não explicita de que forma “se modelaram outras muitas [ocorrências]”; tampouco podemos inferir que haja a sugestão de um mecanismo gerador de novos termos em seu texto, mas as palavras do autor apontam nitidamente para um mecanismo de produtividade analógica.

A pergunta sobre a produtividade analógica é desenvolvida por autores como James Milroy (2003). Ou autor propõe que se reconheça valor agentivo nas mudanças aos usuários da língua. Não é a língua que muda – o que legaria papel contemplativo aos falantes das mudanças – são os usuários, sustenta ele, que mudam a língua.

A criação e a manutenção de uma nova estrutura no sistema de uma determinada língua não advêm da língua, mas das pessoas que usam essa língua em contextos sociais. (MILROY, 2003, p. 359)

Essa proposta ecoa com o que havia sido apresentado criticamente por Roger Lass:

[...] a lingüística /.../ normalmente trata a língua como se fosse um objeto natural autônomo (ou um sistema formal autônomo): ‘a língua muda’ e não necessariamente as pessoas que mudam a língua. (LASS, 1980, p.20 *apud* MILROY, 2003, p.357)

E por Willian Labov:

[...] não dá para entender o desenvolvimento da mudança em uma língua sem se considerar a vida social da comunidade onde ela ocorre. (LABOV, 1972, p.03).

Enfim, a formação adverbial de traço ‘-mente’ exemplifica como é mais coerente e empiricamente evidente a demonstração do valor semântico e do funcionamento morfossintático a partir de uma análise diacrônica que assimila o conceito de gramaticalização, em seu mecanismo explanatório.

3.2 Os advérbios *beaucoup* e *très*: gramaticalização e lexificação

O segundo exemplo que apresento para elucidar a historicidade das mudanças lexicais concerne à distribuição de dois advérbios franceses: (i) *beaucoup* e (ii) *très*. Novamente são argumentos diacrônicos que permitem a compreensão de funcionamentos antes considerados como efeitos puramente sintáticos.

Beaucoup é um advérbio do francês contemporâneo que tem comportamento distribucional diferente da forma *très*, como se percebe nos exemplos (6-9): (6) *Je parle beaucoup* (Eu falo muito); (7)* *Je parle très* (Eu falo muito); (8) *Elle est très belle* (Ela é muito bonita); (9)* *Elle est beaucoup belle* (Ela é muito bonita). Apesar da especificidade de posição

na sentença, as duas expressões francesas podem ser aceitavelmente traduzidas pela forma única *muito* em português, e por formas cognatas nas demais línguas neolatinas, sem a inaceitabilidade atestada em (7) e em (9).

Por que em francês, diferentemente das demais línguas neolatinas, tem-se o desaparecimento da forma arcaica ¹¹ *moult*, intensificador de quantidade e de qualidade, em favor da especialização da natureza do escopo adverbial com o surgimento de *beaucoup* e de *très*? Creio ser impossível compreender essa característica da língua francesa sem fazer uso de recursos históricos. Segundo Christiane Marchello-Nizia,

Entre os séculos XII e XVI, uma série de modificações que ocorreram na língua francesa levaram ao desaparecimento de *moult*, um morfema que depois se tornaria comum a todas as línguas neolatinas, salvo o sardenho. (MARCHELLO-NIZIA, 2003, p.380)

Marchello-Nizia apresenta e descarta as explicações fonéticas e sintáticas que foram propostas para o caso. Para a primeira solução, a autora não vê traços particulares a *moult* que justifiquem sua erosão. Outras expressões igualmente monossilábicas teriam sofrido o efeito fonético semelhante; mas isso não aconteceu. De um ponto de vista sintático-distribucional, a autora apresenta casos de ocorrências para *moult* que não ocorreriam se houvesse, de fato, uma seletividade sintática atuante sobre o termo. Ou seja, a partir de dados coletados em textos dos séculos XII a XIII, foi descartada uma suposta rigidez de distribuição do intensificador *moult* que levaria a seu desaparecimento.

De especial nesse caso, há o fato de *moult* ter sido substituído por duas expressões. Uma primeira, *beaucoup*, surge via gramaticalização; e uma segunda, *très*, surege por lexificação; mecanismo esse que é, de certa forma, um processo anti-gramaticalização.

O advérbio *beaucoup* é usado em casos de quantificação de substantivos contáveis, como em (10) *beaucoup de livres* (muitos livros); é

¹¹ Por francês arcaico, entende-se o uso do idioma durante os séculos XI e XII da EC.

usado como item intensificador de verbos (11) *Je mange beaucoup* (Eu como muito). *Très* aplica-se a adjetivos (12) *très belle* (muito bonita) e a advérbios (13) *très rapidement* (muito rapidamente), mas não aos que se referem a quantidade; por que isso acontece?

Os primeiros vestígios de possível uso metafórico de *beau* (belo) *coup* (golpe) ou *grand* (grande) *coup* (golpe) são encontrados em textos do final do século XIII: *avoir grand coup de terre...* (ter um grande pedaço de terra)... Mas é apenas a partir do final do século XIV que *beau coup*, usado junto a palavras na forma plural, ou seja: junto a substantivos contáveis, passa a não mais ocorrer com seu sentido inicial [...] após 1450, *beaucoup* torna-se nitidamente mais frequente do que *moult*. (MARCHELLO-NIZIA, 2003, p.381-82)

Foi a partir de seu uso como medida territorial – a partir de uso físico-espacial – que o advérbio *beaucoup* expande seu escopo de aplicação a substantivos, concretos ou não, mas sempre contáveis. Não é, portanto, uma razão de ordem sintática que filtra o uso de *beaucoup* no uso do francês. Faz-se necessário o recurso ao conceito de gramaticalização, e a devida documentação histórica, para compreender o porquê da aceitação dos exemplos (6) *Je parle beaucoup* (Eu falo muito) e a não-aceitação do exemplo (7)**Je parle très*.

Foi a partir da segunda metade do século XV que *très* passou a ter uma frequência de uso superior a *moult*. Em caminho contrário à forma *beaucoup*, *très* ocorria sob a forma antiga de um prefixo presente no francês atual como, *trans*: *trespercier* > *transpercer* e *tresformer* > *transformer*. Segundo Marchello-Nizia: “...o antigo prefixo *tres...* pára de ser reconhecido como prefixo e faz um movimento de retorno ao Latim...” (2003, p.382). Ao final do século XVI, a substituição sistêmica da expressão de intensidade *moult* pelas formas *très* e *beaucoup* dá-se por completa. Comparativamente, os dois exemplos podem ser esquematizados da seguinte forma

- Gramaticalização:

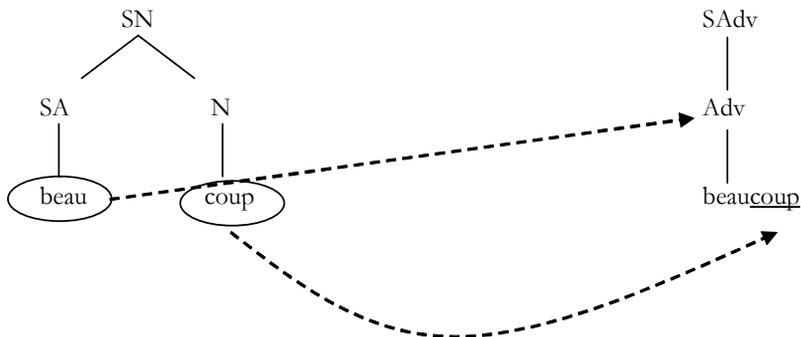


Gráfico 2 – Demonstração da reanálise sintática do advérbio *beaucoup*

- Lexificação:



Gráfico 3 – Demonstração da lexificação do advérbio *très*

Comentários finais

Desde as primeiras ocorrências no século XIII até sua efetivação três séculos depois, os movimentos paralelos do amadurecimento de novas palavras e o desaparecimento de outra não podem ser resumidos a uma simples ‘troca lexical’. O que se tem nesse caso é um novo sistema de categorização da intensificação na língua francesa. Desconheço se o prazo de três séculos deve ser avaliado como longo

ou breve, mas fato é que o exemplo relatado pela filóloga francesa evidencia a relevância dos estudos diacrônicos para as formulações linguísticas.

Através dos argumentos advindos do conceito de gramaticalização e de lexificação, supera-se a aceitação *by default* da sintaxe pura, em prol de um caminho explanatório mais trabalhoso e acidentado, certamente, mas de comprovação empírica possível.

Referências

BASILIO, Margarida. “Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil,”. *D.E.L.T.A.*, 14:17-28, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística – uma introdução*. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVET, Louis-Jean. *Pour et Contre Saussure – ver une linguistique sociale*. Paris : Payot, 1975.

COSTA, Sônia (org). *Do Português arcaico ao português brasileiro*. Salvador:

FITHC, W. Tecumesh, HAUSER, Marc e CHOMSKY, Noam. “The evolution of the language faculty: clarifications and implications”. *Cognition*, 97: 179-210, 2005.

GAMKRELIDZE, Thomas. “The problem of ‘l’arbitraire du signe””. *Language*, 50(1):102-110, 1974.

HARRIS, Zellig. *Structural Linguistics*. Chicago/London: Un. Chicago Press, 1951.

HARRIS, Roy. *Reading Saussure*. La Salle: Open Court, 1987.

HOPPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2002 [1993].

HUMBOLDT, Wilhelm. *Linguistic Variability & Intellectual Development*. Miami: Un. of Miami Press, 1971 [1836].

KURYLOWICZ, Jerzy. *The Evolution of Grammatical Categories*. Munich: Kink, 1975 [1965].

LANGACKER, Ronald. "Syntactic Reanalysis". In: LI, Charles (ed.). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin/London: Texas Un. Press, 1977.

LARRIVE, Pierre. "La Contingence des faits linguistiques: réflexions sur la variation et le changement". *Corela - cognition, représentation, langages*, 2: 2003. <http://revue-corela.org>

LAUGIER, Sandra. "Relativité linguistique et anthropologique", *Histoire Épistémologique du Langage*, 18(2) : 45-73, 1996.

LEWIS, David. *Convention: a philosophical study*. Oxford/Malden: Blackwell, 2002.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. "Prépositions françaises en diachronie – une catégorie en question". *Linguisticae Investigationes*, 25(2):205-221, 2002.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. "Changes in the structure of grammatical systems: the evolution of French". *Court of the University of St. Andrews*, 39(4):371-385, 2003.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. "La sémantique des démonstratifs en ancien français : une neutralisation en progrès?" *Langue Française*, 144: 1-18, 2004.

MARTELOTTA, Mario, VOTRE, Sebastião e CEZARIO, Maria M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATTOSO CAMARA JR, Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, 2000[1970].

- MELLO, Heliana. *Adjetivos – categoria fronteira*. Belo Horizonte: UFMG (dissertação de Mestrado) 1990.
- MILROY, James. “On the discourse of historical linguistics: language-internal explanation and language ideologies”. *Court of the University of St. Andrews*, 39(4):357-370, 2003.
- NEWMEYER, Frederick. “Deconstructing grammaticalization”. *Language Sciences*, 23: 187-229, 2001.
- PERINI, Mário A. *Princípios de Linguística Descritiva*. São Paulo: Parábola, 2006.
- PONTES, Eunice. *Espaço e Tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 1992.
- PREVOST, Sophie. “La grammaticalisation : unidirectionnalité et statut”. *Le Français Moderne – revue de linguistique française*, 71(2): 144-166, 2003.
- ROCHA L. Carlos. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- RAMOS, Jânia e VITRAL, Lorenzo. *Gramaticalização – uma abordagem formal*. Belo Horizonte: FALE/Tempo Brasileiro, 2006.
- RUBIN, Aaron David. *Studies in Semitic Grammaticalization*. Cambridge : PhD Dissertation, Harvard, 2004.
- SAID ALI, Manoel. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Brasília: Unb, 2000 [1921].
- VITRAL, Lorenzo. “A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Linguística”. *D.E.L.T.A.*, 15(1): 00, 1999.